

OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

Problema

Feminista

(Conferencia realisada na "Sala Portugal" da Sociedade de Geographia de Lisboa na noite de 18 de maio de 1906, anniversario das convenções de Haya.)

LISBOA

1906

PROBLEMA FEMINISTA



B3 30564

OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

Problema

Feminista

(Conferencia realizada na "Sala Portugal" da Sociedade de Geographia de Lisboa na noite de 18 de maio de 1906, anniversario das convenções de Haya.)

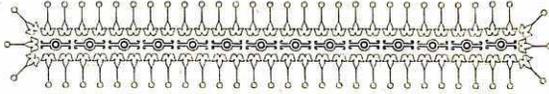


LISBOA

1906

...«Toute notre dignité consiste donc en la pensée. C'est de la qu'il faut nous relever, non de l'espace et de la durée, que nous ne saurions remplir.»

PASCAL.



MINHAS SENHORAS E SENHORES

RARAS vezes se proporcionam occasiões felizes, como a de hoje, em que nos seja facultado falar para um publico illustrado e que aqui vem, sem duvida, por sinceridade e por sancionar os nossos ideaes. Antes de entrar no assumpto que aqui nos trouxe eu devo, primeiramente, frizar-vos um facto que reputo de absoluta necessidade explicar.

A minha acção, como presidente, da secção feminista da *Liga Portuguesa da Paz*, secção por mim organisada, explica-

se por um motivo muito imperioso, por um dever sagrado. Victima da iniquidade da guerra, sirvo uma causa, respeito uma memoria muito querida. E por estar intimamente convencida que a mulher — quando illustrada e orientada — de muito pode servir para a realisação do *Ideal pacifista*—é a Ella, em especial, que me dirigo.

E agora, o mais ligeiramente possivel passo a falar-vos, um pouco, do feminismo, thema já muito *velho* em todas as nações civilisadas mas muito *novvo* entre nós. A palavra é, propositadamente, estropiada. O ser-se *feminista*, em Portugal, é uma coisa que aterra e que afugenta os homens da nossa sociedade... Parte-se da ideia errada que a mulher que defenda a sua causa, que trate d'esse problema social, de si muito complexo, que essa creatura deve ser uma desequilibrada, que ha de usar um cha-

péo *canotier*, bengalla e collarinho. Ora só a *bas-bleue*, a escrevinhadora sem illustração, que nada lê e nada sabe, que apenas tem um boccado de estylo—vos dá esse typo caracteristico em todas as sociedades e em todos os *meios*. Por mim — falo-vos com o coração nas mãos:— Se desejo a mulher illustrada, a mulher habilitada a emprehender a lucta pela vida —é por ter a certeza mathematica, que, n'estas circumstancias, a mulher será muito melhor esposa e muito melhor mãe.

Eu indigno-me e condemno a falsa orientação das mulheres que pretendem inverter, na familia, o papel que lhes é destinado. A mulher só necessita instruir-se, emancipar-se da sua ignorancia, para se collocar no mesmo nivel do homem e tornar-lhe suave a existencia para a lucta pelo *struggle for life*.

*

* *

DE ha muito que ouvimos pugnar pró e contra a nova orientação que alguns espiritos mais avançados, ou talvez mais generosos, ambicionam dar á educação actual da mulher, libertando-a d'uma situação injusta de inferioridade. Infelizmente, porém, embora alguma coisa se haja conseguido n'outros paizes, entre nós tem ficado tudo em estereis declamações. Boas e generosas ideias não têm faltado, verdadeiras dedicações por esta cruzada; mas, triste é dizêl-o, não vimos ainda sahir do seu indifferentismo as mulheres portuguezas que nem sequer pensam em medir o alcance do beneficio que lhes adviria.

Como o *pelle-vermelha* que prefere deixar-se exterminar a tentar qualquer es-

forço regular que lhe permetteria resistir em condições vantajosas, á acção absorvente da raça branca, *ellas* vão preferindo, tambem, continuar n'um papel de *comparsas* que na realidade é apparentemente seductor e commodo, deixando entregue ao homem o cuidado de prover ás suas necessidades e até o trabalho de pensar por *ellas*! Teem pouco a pouco adquirido a incapacidade absoluta de qualquer esforço permanente.

Não é d'*ellas*, bem sabemos, toda a culpa. A maior parte cabe aquelles que, sem procurarem saber se as causas do atrazo relativo da mulher provinham da deficiencia da educação que lhe ministraram — resolveram logo a questão, como Proudhon, fazendo correr mundo com a sua auctoridade incontestavel o brutal e celeberrimo aphorismo: — *la femme, courtisane où menagère, il n'y a pas de milieu.* — Cabe a esses que a condemnavam, sem procurar,

primeiro, augmentando-lhe o gráu de cultura intellectual, elevel-a ao seu nivel. Não devia decorrer muito tempo sem que Proudhon soubesse, por experiencia propria, que para mais alguma coisa podia servir a mulher. E' de todos conhecido o celebre concurso de Lausanne em que elle teve, por competidora, uma mulher, a grande Clémence Royer — *la demoiselle au chapeau de paille*—como ali era conhecida e qual o resultado d'esse concurso! Não quiz o celebre economista quando emittiu o seu aphorismo, que a mulher, essa a que elle chama a *menagère* ha de ser totalmente na constituição da familia muito mais do que isso. E' a ella que a natureza confiou a missão delicada e mais importante,—a missão de crear e desenvolver as faculdades psychicas da creança, estabelecendo os primeiros alicerces de todo um edificio futuro, que será tanto mais solido e magestoso,

quanto mais habil e conscienciosamente esses alicerces hajam sido lançados.

Dotou-a, para isso, d'uma sensibilidade mais elevada que a do homem, de grandes e espontaneos sentimentos, identificou-a um pouco sob este ponto de vista com a creança, e, estabelecendo assim uma harmonia natural entre a educadora e o educando, facultou-lhe o melhor meio de conseguir realizar a sua missão. E não é só na infancia que a influencia do sentimento feminino se faz sentir; é também nas edades adultas, onde ella, quer como esposa, mãe ou irmã—é o sentimento da familia, *o coração da casa*, seja-nos licito dizer assim. Posto que então o educador do espirito esteja nas escolas, ella continua sempre a ser o instrumento da alma, no lar domestico. E como diz Herbert-Spencer — *«é o sentimento que domina o mundo»*.

Ora se ella é tudo isto, se a sua in-

fluencia sobre a familia actual é manifesta e sobre a familia futura tão grande, impõe-se a necessidade de lhe dar uma educação em harmonia com a sublimidade da sua missão, que ella cumprirá tanto mais dignamente quando para ella melhor preparada se ache.

Não querem os adversarios do feminismo, que ainda os ha, por um bocado de egoismo — ver com bons olhos esta corrente de reacção que tem levado ao espirito de algumas mulheres a esperanza da conquista d'essa emancipação — como nós a comprehendemos — a emancipação dos preconceitos absurdos e convencionalismo ridiculos.

E uma vez que a mulher seja racional e convenientemente educada e como o homem apta, portanto, para as luctas pela vida, acabará a dependencia em que hoje se encontra e entre os dois restarão apenas as dependencia de dois indivi-

duos que se associam por compatibilidades de sentimentos e qualidades moraes e coordenação de aptidões para o bom exito d'essa mesma lucta.

Hoje, que a questão economica é tão capital na vida das sociedades, parece-nos poder affirmar que mesmo o aproveitamento de todas estas forças, agora, por effeito de educação, estereis, e ás vezes mesmo esterelisoras, será alem de todas as diversas vantagens, tambem economicamente uma conquista para o homem e para o progresso.

Comprehendemos assim, não a independencia, porque independencia não existe socialmente; mas a autonomia da mulher: querêmol-a capaz de, por si, só, sem o auxilio do homem, poder com elle empregar a lucta, quanto o necessita—em condições similares de éxito.

Vejamos agora d'uma maneira rapida e sob um ponto de vista geral—como

deve ser educada a mulher para conquistar estas vantagens.

Diz Stuart Mill no seu livro:—*Assujétissement des femmes*: «Uma sensibilidade intensa é o instrumento e a condição que permite exercer sobre nós mesmo um poderoso imperio, mas para isso ella tem necessidade de ser cultivada». Quando receber esta preparação não formará sómente os heroes do *primeiro impulso*, mas os heroes da *vontade que se domina*. A historia e a experiencia, como sabeis, provam que os caractéres mais apaixonados mostram mais constancia e rigidez no sentimento do dever, quando a sua paixão foi dirigida n'este sentido.

A educação hoje ministrada á mulher não é, absolutamente, nada d'isto. Parte-se da ideia erráda de que o seu cerebro é apenas um *bibelôt* que é preciso enfeitar, engrinaldar, adornar, como se faz, por exemplo, com casa da nossa habitação. E

com a mesma leviandade que hoje preside a esta operação, enchendo-a de moveis os mais preciosos e de elevado custo, mas entre os quaes se nota a falta de gosto, vendo-os collocados a esmo, sem a symetria que é propria a cada um d'elles, dando-nos a impressão desoladôra da casa do *adéllo* que os vendeu, armasenam-se no cerebro da mulher carissimas prendas (quantas mais, tanto mais completa se diz a educação) em que as familias gastam rios de dinheiro formando um verdadeiro *bric-à-brac* scientifico, donde lhe não é possivel deduzir noção alguma da difficil sciencia de *saber viver*. Educação assim serve mais para satisfazer o capricho e as vaidades dos que a dão, do que de utilidade a quem a recebe.

E queixam-se de que a mulher é frivola, quando de ha muito a sua educação, favorecida pela tendencia natural que temos para evitar todo e qualquer esforço

persistente, pelos exemplos e até pela linguagem, a leva inconsciente para esse caminho, obscurecendo-lhe com espesso véo a realidade da vida.

A maior parte dos conhecimentos que hoje lhe ministram e a forma por que a fazem obedecer quasi exclusivamente ao fim egoista de a preparar um *bibelôt* que dê *tom* ao que mais tarde fôr seu senhor legal, deixando-a n'uma dependencia necessaria, esquecendo por completo a sua principal missão como mãe e como educadora dos filhos.

E se, no regimen actual de educação, algumas mulheres se temem vantajado mesmo aos seus contemporaneos, devem-no ao seu extraordinario talento e tem sido á custa de encarniçada lucta em que, devemos confessal-o para sua gloria, nem sempre as armas foram eguaes.

Estas luctas, porem, foram restrictas ás condições particulares d'um individuo ex-

cepcional e d'elles nunca poderá concluir-se uma lei de generalisação. Não é pois para essas mulheres excepcionaes, para os génios, que lançamos as nossas vistas, porque essas em todas as circumstancias que appareçam, hão de occupar o logar a que as suas extraordinarias qualidades lhes dão direito, mesmo que o espirito das sociedades lhes seja contrario; é para o geral das mulheres, para aquellas que não se elevam a cima do nivel intellectual commum e que hão de ser as mães dos futuros membros da sociedade.

Pretendemos que se lhes dê uma educação orientada, séria e consciente — que as edentifique com o seu papel physiologico e social, attendendo a todas as multiplas funcções que lhes estão confiadas, mas despidas das exterioridades que hoje a envolvem e de todo o seu feitio theatral; que seja o producto de esforços conscientes e d'uma laboração intel-

lectual e não um amontoado de coisas sem nexos.

A grande sensibilidade feminina que tantas vezes tem servido de argumento contra a mulher, por aquelles que não quizeram ver se o emprego que d'ella se faz é ou não racional, será o mais poderoso auxiliar d'esta obra. *Cultivêmo-la*, como diz Stuart Mill, e só então nos parece que a mulher se achará preparada de modo a poder pôr ao serviço da causa da humanidade todos os thesouros da sua sensibilidade e transmittir aos filhos os beneficios e resultados que hão de advir do dominio d'essa enorme força, até aqui distrahida do seu emprego natural—a educação da vontade formando os caractéres. E é n'ella que reside o segredo do éxito; pois que as mais brilhantes qualidades que se attribuem a intelligencias excepçionaes, são na realidade apenas o producto da energia e constancia no que-

rer. *Querer é poder* e o poder de quem não desespera é maravilhoso!

*

*

*



HOJE, que a questão económica tão gravemente assoberba a vida das modernas sociedades, que a luta pela existencia tem tomado proporções tão assustadoras, não pode nem deve a mulher continuar na tarefa de apenas dissipar o trabalho do homem, na ociosidade e na ostentação.

E' chegado o momento em que se lhe torna necessario auxiliá-lo com a sua cooperação, a fazer face ás exigencias cada vez maiores da existencia social.

Systematicamente, e pela futil razão de que as suas condições physiologicas não são edenticas ás do homem, como se d'ahi resultasse mais do que differença de apti-

dões, tem sido desdenhado por elle o seu concurso. Pois em muitos e valiosos trabalhos podia a mulher prestar tão bons se não melhores serviços que o homem ; não lhe faltam as condições de trabalho, falta-lhe apenas a educação precisa para isso.

No actual regimen e porque a mulher nada produz nem sabe, é o homem que arca, não só com a responsabilidade de prover a todas as necessidades da familia, mas ainda ás exigencias d'esse luxo phantastico, inexplicavel, da mulher a que os vicios de uma mal comprehendida educação a vão arrastando. No dia em ella dando util occupação a toda a sua actividade, se compenetra-se do que ha de vão nas pedrarias com que se enfeita, e da enormissima somma de sacrificios que ellas custam, haviamos de melhorar as condições e augmentar as commodidades da vida por que, de factor que ella

é—de importante e inutil consumo,— se tornaria em factor não menos valioso de producção. Effectue-se, pois, uma divisão de trabalho para cada um, á parte, em harmonia com as suas aptidões.

Tem-se dito, e á primeira vista assim parece, que a concorrência da mulher, no trabalho, viria a desvalorisar o do homem e crêmos estar aqui o motivo porque elle, em geral, a olha de soslaio. Todavia tal não succede, pois que o augmento consecutivo da producção, barateando os productos, facultando a posse de varias commodidade, alarga o consumo, creando assim novos habitos e novas necessidades; só diminuem as agruras já não pequenas da lucta pela existencia. Não sendo prejudicado o bem geral, antes se nos afigura assás proveitoso que o tempo que o homem hoje consome em inventar as mil frioleiras que fazem a felicidade das nossas mulheres e em que

elles perdem o seu tempo, seja com a sua cooperação empregado em crear obras de arte, ao alcance de todos, em restituir á vida as commodidades que lhes escasseiam, abrindo-lhe novos horisontes.

E a Arte é o melhor *meio* para poder alcançar uma harmonia social. Enaltecendo tudo o que é bello, creando assim um novo estimulo nos individuos, torna-se, por si mesma, fonte de novos ideaes, dando forma a muitas das nossas phantasias, e como que realidade a tantos dos nossos desejos! Que bella escola não é, pois, esta para o desenvolvimento intellectual que é o maior progresso de organização, como a mais completa e elevada phase da evolução natural?

E assim, na posse de uma vontade bem constituida, o individuo reage intelligentemente sobre o modo exterior, põe-se em completa harmonia com o seu meio, assimilla e encarna em si a natureza, contri-

buindo para a sua evolução ulterior. Entre nós, que é sem duvida onde a questão economica mais affecta a familia, o que faz a mulher, como concorre para a resolução de tão grave problema?

Umas, desconhecendo o valor do tempo esbanjam-n'o nos *mil nada*s que constituem a sua vida; — que o homem, porque é o senhor, tenha, tambem, a responsabilidade dos encargos!

Ellas com um egoismo natural vão exigindo, porque se julgam com esse direito. *Outras*, as que desejam trabalhar, mal podem fazê-lo, porque entre nós o trabalho da mulher, em virtude da nossa orientação, é simplesmente o que o homem desdenha; e por isso tão mesquinhamente remunerado que, apóz a fadiga laboriosa do dia, pouco mais lhe dá que o preciso para não morrer de fome. Que o digam as aterradoras estatisticas da tuberculose!...

Raras são as excepções. Alguns espiritos mais fortes que, desprendidos dos preconceitos da nossa acanhada educação, não temeram arrostar com a má vontade e critica de toda uma sociedade e, verdadeiras martyres, tentaram abrir com o seu exemplo uma das portas da *futura redempção*, buscando n'um trabalho util a consciencia do proprio valor, não conseguiram, porem, fugir á doença geral do paiz. Entre tantas veredas a seguir escolheram, como é natural, a que attrahe tantos homens da nossa sociedade. Fizeram-se medicas. São dignas dos maiores louvores. Desejamos, todavia, ver iniciada uma era de regeneração em que a mulher abraçe, alem d'este, que é limitado, tantos outros ramos de trabalho, nos quaes a sua actividade se possa expandir, e em que ella gose de relativa independencia, deixando de carecer, a cada momento, da protecção do homem, para

não perecer n'uma lucta desigual. De-
sejamos que a mulher conquiste meios
taes para a lucta pela vida, que á associa-
ção chamada casamento, não vá ella
mendigar um auxilio, mas levar uma
cooperação tão valiosa como que a rece-
be porque, a verdade é esta, não ha sen-
timento mais fortificante e maior estímulo
para o trabalho do que o que nasce da
ideia da familia, mas quando o casamento
tem logar entre duas pessoas que se
comprehendem e se completam.

*

*

*



ESTÁ hoje scientificamente de-
monstrado que nenhum valor
tem o facto anthropologico de ser o cerebro
da mulher mais pequeno que o do ho-
mem, o qual, por muito tempo, foi a base
dos argumentos com que se pretendeu

affirmar a sua inferioridade de intellectual.

Apenas a sexualidade, que tão profundas modificações anatomicas e physiologicas produz, lhe imprime algumas modificações psychicas; mas, porque estas modificações originam um valor mental diverso, não se pode logicamente concluir que esse valor mental seja inferior.

Em pleno seculo XX temos de pôr de parte, por ridiculo, o dito de Molière—*«elle est detestable parce que elle est detestable»*—e o de Schopenhauer:—*«a mulher tem cabellos compridos e ideias pequenas.*

De resto, a critica dos homens é, ás vezes, tão mordaz que consegue affastar d'um caminho util, mulheres de valor, mas espiritos fracos. Muitas, amargamente, se queixam!

De facto a verdade é esta:— se uma mulher publica um livro—a critica pouca

importancia lhe liga (se elle não tem valor, bem entendido) mas se tiver... ha logo espiritos mesquinhos para dizerem que, na sombra, algum escriptor em vóga, passou revisão ás provas typographicas... Se a mulher expõe um quadro— se esse quadro é bello, se faz successo... lá vem a má lingua indigena a segredar:—foi o professor que lhe deu côr, luz e realce. Confesso, só me falta ouvir, alguma vez que vejamos uma senhora tocar, magistralmente, no piano, bellos trechos de Beethoven, Bach, Shumann, Shubert ou Chopin— virem-me dizer que a execução é falsa... que o piano é de corda!

Devemos confessar esta triste verdade: O nosso meio é muito acanhado, para não dizer... muito pequenino. Para exemplo, trago-vos um factó frisante:

Vêde como é triste o isolamento em que vivem os nossos artistas e os nossos escriptores! Dia a dia, os jornaes dão-

nos a relação de festas mundanas onde é raro apparecer um unico nome que nos diga *alguma cousa*. Houve uma unica senhora, espirito luminoso, que marcou uma época—que hade ficar na nossa sociedade. Refiro-me ao génio extraordinario, brilhantissimo, da Condessa de Proença-a-Velha. Eu tive muitas vezes occasião de ver nas suas salas, ao lado do corpo diplomatico e da *vieille roche* do paiz, a aristocracia do talento de que ella tanto se orgulhava de saber chamar a si, largamente representada por Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Antonio Candido, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Chystovão Ayres, Batalha Reis e Rey Colaço.

Ha ahi, por ventura, quem siga este bello exemplo, prova de bom gosto? Ninguem!

Como tudo isto é desolador e differente do que se faz por fóra, n'outros paizes! Não é preciso ir longe:—foi nos salões de Madrid,

principalmente no da grande Pardo de Bazan, Concépcion Gimeno de Flaquer e Marqueza de Ayerbe que tive o prazer de conhecer a Hespanha intellectual, em Blasco Ibañez, Galdós, Luis Moróte, Echegaray, Pio Baroja, o grande pintor Sorolla y Bastida, Parada y Santin e o sabio Dr. Santiago Ramon y Cajal.

E foi ainda em Madrid, que tive occasião de falar com a Infanta D. Eulalia, tia do Rei de Hespanha e de ver quanto o seu espirito delicado e lucido se interessava e seguia com verdadeiro amor a marcha do feminismo em todos os paizes cultos. Foi n'essa agradavel conversação que essa graciosa Princesa me perguntou qual o adiantamento do movimento feminista em Portugal—e eu, recendo incorrer n'um delicto para o bom nome d'esta querida terra portugueza— respondi-lhe: está tão *advantado*, Minha Senhora, como no paiz de Vossa Alteza.

*

*

*



homem deseja, como é natural, a celebridade, a gloria para a offerecer á mulher amada. Parece-me bem triste e desolador que ao dar-lhe a conhecer obras de Arte, ella as não comprehenda, as olhe indifferente! Nunca perdou Racine á esposa—e com bem justificada razão—ella não assistir á representação das suas tragedias.

Não deve, repito, chamar-se povo civilisado aquelle que não procurar illustrar a mulher e ensinar a respeitá-la. A luz é para todos. Já o Christo dizia:—*companheira te dou e não serva.*

A proposito—lembro-me d'um dito gracioso que o grande Max Nordau repetia—quando em Paris tive o prazer de conhecer o brilhantissimo philosopho, apre-

sentado pela sua illustre traductora, em Hespanha, a distincta escriptora e jornalista, Carmen de Burgos y Segui (*Colombine*). Dizia-me elle, em puro castelhano, lingua que lhe é muito familiar:—«*Ao ver un hombre rebajar el valor intelectual de la mujer me hace la imprécion de que esos desgraciados no tuvieron una madre*». Fazia-me bem ouvil-o ao lado da esposa—que elle adora, da filha, para quem vive—e da enteada que está a terminar o curso de medicina. Era um quadro bello, suggestivo e sinto-me commovida ao recordal-o!

Diz a illustre escriptora hespanhola; Concépcion Gimeno de Flaquer, *que a escravatura de um sexo é muito mais impressionante e condemnavel do que a d'uma raça.*

Não pedimos que as mulheres façam as leis, nem desejamos com a reforma dos codigos, um feminismo á americana . . .

A emancipação dos escravos da America

do Norte deve-se a Henriqueta Stowe que, com a publicação do seu bello livro *Uncle Fom's labin* — genial criação cuja influencia social, foi tanta, que podemos consideral-a como um dos mais importantes agentes da realisação d'esse passo gigantesco do progresso e da civilisação.

—* Em todas as epochas a mulher se tem evidenciado. Entre os gregos anteriores á vida de Christo, encontram-se varias philosophas sobresahindo, Asidesia, filha de Aristipo, Lastenia, discipula de Platão, Theano, esposa de Pithagoras; Phaenarete, mãe de Socrates e a inolvidavel Hipathia, filha de Théon, que viveu no seculo III da nossa era, em Alexandria.

—* Como vêdes, em tão remotos tempos a mulher associava-se á vida intellectual do homem. Aspasia deu lições de eloquencia a Pericles; Lagisca encantava,

com a sua erudição, Isócrates. Timandra fascinou, com o seu engenho, a Alcibiades. A sábia Herpiles a Aristoteles; Terencia a Cicero e Campaspa ao grande Alexandre.

—* No seculo XII—pela sua cultura, brilha a amada de Abelard. No seculo XIII, Bitisia Gozzadina forma-se em direito civil e canonico. No seculo XIV duas mulheres desempenham logares importantes em Universidades: — Magdalena Bosignori lente de direito em Bologna e Trótula, professora de medicina em Salerno. No seculo XV e XVI houve medicas como Izabel Lóra, Beatris *a latina*, Olivia Sabuco e Isabel Córdorva; distinguu-se, em anatomia, Alexandra Gigliani—e Juliana-Morelli sustentou discussões scientificas em 14 idiomas. Thereza de Jesus fez dizer a Leibnitz que ella havia tomado os principios da mais sublime philosophia. N'essa epocha,

Isabel a catholica fazia diffundir a instrucção. No seculo XVII, Anna Manzolino, foi lente na Universidade de Bolo-
nha. Madame Dacier, em francez, fez a
melhor traducção da *Illiada*. A mar-
queza do Chatelêt commentava a obra de Ne-
wtou, outras mulheres faziam sentir a sua
influencia nos costumes e vida intelle-
ctual, dictando leis que se acatavam, sen-
do heroínas da *Rochelle* e da *Fronde* e
inquietao mais d'uma vez, segundo reza
a historia, o celebre cardeal Richelieu e
Mazarin — escalando o throno do *Roi
Soleil*...

—* Em Italia, patria da sabia Tarqui-
nia, da improvisadora Casandra Fedele, da
classica Olimpia Maratta e da inspirado-
ra Gaspara Stampa, da erudita Gam-
bara de Brescia e de Maria Shurman,
que possuiu toda a sciencia do seculo
XVII, brilharam, tambem, pelos seus co-
nhecimentos philosophicos e mathemati-

cos—no seculo XVIII — Laura Bassi e Maria Agnesi, muito fallada por Benedicto XIV, amante das lettras.

—* Durante a enfermidade do engenheiro Robling foi a mulher que dirigiu os trabalhos da ponte de Brookling em New-York. A de Pasteur, como sabeis, trabalhava no seu laboratorio, a de Lalande photographou varios astros; a de Jansen foi secretaria na expedição scientifica que organisou seu marido á India; a de Flammarion, ha dois annos, foi a Hespanha estudar um eclipse. Lendo a obra de Lamartine encontra-se, a cada momento, o delicado sentimentalismo da alma de sua mãe. Gounod recebeu da sua as primeiras inspirações musicas; a de Goethe, orientando-o, deu-lhe os primeiros conselhos litterarios; a de Schiller salvou-o do scepticismo a que elle se inclinava fazendo-lhe ler *A Mesiada*, seu livro favorito.

O seculo XIX que viu nascer a grande George Sand—viu, tambem, sobresahir, na astronomia, Carolina Herchell, Maria Mitchell que foi nomeada directora do Observatorio de *Vassar College*, Miss Brown que tem a seu cuidado a secção solar da *British Astronomical Association*, Sophia Kowalewska, professora da Universidade de Stokolmo, Miss Byrd, Miss Isaac Roberts de conselho de Sociedade Astronomica de França, Miss Agnès Clerke da *Royal Astronomical Society*. Maria Sommerville, auctora da *mechanica celeste*; e Dorothea Klumpke que eu vi desempenhar um importante cargo n'um observatorio de Paris.

E quantas outras mulheres illustres a minha memoria recorda com amoravel carinho!

Madame Staël, dominando o movimento litterario do seu tempo — a espirituosa madame de Sévigné, cujas cartas ainda

hoje nos encantam pelo primor da forma — madame Desbores Valmore, a delicada e gracil madame de Récamier — madame de Lafayette, auctora d'esse livro delicioso que é a *Duqueza de Clèves* e a celebre poetisa Girardin.

E hoje, em França, brilhando com a força do seu talento — temos Juliette Lambert (M.^{me} Adam) — a grande oradôra Séverine, a Condessa de Noailles, auctora de romances interessantissimos, á frente dos quaes deve figurar a *Nouvelle Esperance*; a madame Alphonse Daudet, Lucie Faure, M.^{me} Avril de Sainte Croix, Marcelle Tynaire, M.^{me} Henri de Règier, Daniel Lesureur, assidua collaboradora da *Fémina* e auctora dramatica distincta — Judith Gauthier, romancista de grande valor, filha de Th. Gauthier — a esposa divorciada de Catulle Mendès.

E, finalmente, Rosemonde Gerard, a mulher de Edmond Rostand, auctora dos

culto e emprehendedor—mas o grande e extraordinario valor que a mulher tem no Ideal humanitario quando o talento a illumina e o coração a guia.

Terminarei por pedir — e muito especialmente, aos paes, que olhem com mais amôr e mais zêlo pela educação de suas filhas—para que ellas—quando necessitam adquirir meios de subsistencia— não tenham, apenas, diante de si—a machina que as tuberculisa — ou um caminho mais tragico, mais triste e mais emocionante... o da perdição!

E ficae intimamente convencidos de que para a conquista do progresso, para a redempção social, para a prosperidade futura dos povos, necessitae contar não só com a mãe como com a educadora.

DISSE

NOTA

Nos paragraphos annotados em que fazemos parte da referencia historica cingimos-nos, n'alguns pontos, ao notavel trabalho sobre o feminismo pela Snr.^a Gimeno de Flaquer visto que a nossa investigação pessoal não a faria melhor nem mais completa.

O. S.

Impresso na typographia de
Francisco Luiz Gonçalves, Rua do
Alecrim, 80 e 82, em 10 de Junho
de 1906.

BB 30564



3 0 0 0 1 0 0 1 1 3 7 0 1 5

Problema feminista



PREÇO 300 RÉIS